

SÃO LUIZ

Teatro
Municipal
2013

17 a 20 Jan Chão de Água de João Monge Teatro da Terra

Quinta a Sábado às 21h00

Domingo às 17h30

Sala Principal; m/12

Sessão com interpretação em

língua gestual portuguesa:

20 Jan, às 17h30

Texto

João Monge, a partir de
As Troianas de Eurípides

Encenação

Maria João Luís

Interpretação

Catarina Guerreiro, Heitor
Lourenço, Helena Montez, Maria
João Luís, Patrícia André, Pedro
Mendes, Susana Blazer e Rui Gorda.

Figuração especial

Carolina Pita, Filipa Rosa, Inês
Lopes, João Oliveira, Maria
Eduarda, Mónica Lanzinha, Paulo
Roque, Rita Martins,
Rodrigo Martins, Salomé Palmeiro,
Tânia Maurício e Vanessa Campff

Coro

Coral Polifónico de Ponte de Sor,
sob a direcção do maestro
Rui Martins Picado.

Alda Mendes, Alda Cruz, Alzira
Ramos, Ana Filipe, André Rebocho,
António Zêzere, António Maia, Artur
Correia, Cremilde Marques, Emilia
Inácio, Ermelinda Gonçalves, Isabel
Pinto, João Mendes, João Pinto, João
Cruz, José Margarido, José Silva
Marques, José Marques, José Dordio,
Jorge Rodrigues, Maria Lourenço,
Maria Dias, Maria Correia, Maria
Esteves, Maria Martins, Maria
Dordio, Maria Rodrigues, Maria
Lopes, Maria Cruz, Maria Marques,
Otilia Oliveira, Rosa Pinto, Rui
Oliveira, Suzália Duarte

Canto em Voz-Off

Paulo Ribeiro

Desenho de Som

José Fortes

Figurinos

Rafaela Mapril

Direcção de Produção e Luz

Pedro Domingos

Produção

Teatro da Terra 2012

Teatro da Terra

Parceiro



Apoio



Direcção Regional de Cultura do Alentejo

Chão de Água é uma grande parábola sobre a vida e a morte, uma epopeia dedicada ao povo alentejano, mesclada com referências da vida contemporânea de fácil reconhecimento, numa composição teatral dramaturgicamente expressiva, com o intuito de potenciar uma visão crítica abrangente.

...*"Aqueles mulheres que ao longe se avistam, poupadas ao dilúvio que sobre a terra de seus avós se abate, caminham, sobre o luto de seus homens, pais e filhos, para um destino que os infernos ainda não conhecem. Serão escravas dos novos senhores. Da dentição e da firmeza das carnes se fará sua sentença: as mais fortes serão operárias, as outras, não por falta de préstimo mas pelos dotes em encanto e formosura, aquecerão o leito daqueles que esta terra afogaram."*...

Chão de Água, João Monge

O desafio lançado ao poeta e compositor, João Monge, entrelaça as vivências do povo alentejano no afogamento de territórios ancestrais, com a tragédia de um outro povo: o de Troia e de AS TROIANAS de Eurípides. Este clássico da tragédia grega serve de matriz ao paralelismo entre o desenraizamento provocado pela deslocalização compulsiva das populações dos seus territórios - a pretexto da construção de barragens e de um questionável desenvolvimento económico, o nosso cavalo de Tróia, esquecido do impacto social de tais empreendimentos - e a solidão revoltada das mulheres troianas quando a guerra lhes rouba os seus homens. A abordagem que propomos centra-se no teatro épico, onde as intervenções do coro - em Cante Alentejano com letras originais e interpretado por mulheres - pontuam a narrativa como um transmissor referencial e metafórico, exultando o espectador a desenvolver uma consciência social interventiva, na medida em que os valores que regem o mundo podem e devem ser modificados. O enredo desenvolve-se sem obedecer a um encadeamento linear cronológico das cenas, misturando presente e passado, deixando claro que aquilo é teatro e não a realidade propiciando ao espectador o conforto do distanciamento analítico.

Um dos grandes textos da literatura da Antiguidade Clássica, AS TROIANAS, fala-nos da impotência humana, tendo por fundo a incendiada cidade de Tróia. O enredo começa com as mulheres escravizadas esperando para embarcar nos navios que levam os guerreiros gregos de volta para suas casas, depois do massacre generalizado dos troianos. João Monge pega neste dilacerante drama grego e transporta-o para os nossos dias criando uma analogia revitalizante de exaltação da saudade pela voz das alentejanas no seu êxodo forçado.

... *"Eu que fui arrancada à casa como um animal que sorte será a minha?..."*

... *"As casas ainda respiram, que eu bem vejo"*

"As ruas ainda respiram que eu bem vejo"

"O templo ainda respira, que eu bem vejo"

"Os nossos antepassados ainda respiram que eu bem vejo, que eu bem vejo"

"Ou finjo que vejo...ou finjo que vejo"

"Não há luto que cubra tanta dor..."

Chão de Água, João Monge

WWW.TEATROSAOLUIZ.PT
RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 38
1200-027 LISBOA; TEL: 213 257 640
INFO@TEATROSAOLUIZ.PT

EGEAC